

Galeria Ceutarte - Lisboa "Sob o Signo do Não" "Under the Spell of No"

Fevereiro/Abril - February/April 2005

Sob o signo do *Não*, são-nos propostas nesta exposição 10 telas onde o desenho e o acrílico se casam de branco, num equilíbrio dialéctico de difícil realização técnica mas de inequívoca síntese complementar.

Não é fácil dizer "*Não*". É mais fácil dizer "*Sim*" ou até mesmo "*Talvez*". Porque o *Sim* é alegre? Porque o *Não* é triste? Porque aquele estende uma mão e este a fecha? Porque o *Sim* abre uma estrada e o *Não* constrói um muro?

Há pelo menos dois tipos de *Não* – um que apenas reage, nega, opõe; outro que afirma. Aquele apenas rejeita uma situação, um facto, uma ideia; este propõe um outro tipo de vida, afirma-o e fá-lo em consequência de um impulso que vem de si mesmo, de uma força intrínseca que afirma uma autonomia, que se quer criadora.

Do carácter terrífico do *Non*, isto é, do *Não*, nos fala Vieira, com a sua eloquência inultrapassável; do *Non* faz Manoel de Oliveira a palavra-chave para ilustrar no ecrã passos determinantes da história pátria. Agora, Francisco Ferro, neste conjunto de trabalhos ponteados pelo contraste: velho-novo, mulher-homem, criança-adulto, linha-cor, branco-negro, revela - ou parece revelar - aquele "desencanto" português de sempre, cujo presente em nada contraria.

A pintura, como a arte em geral, é filha do seu tempo. Aqui, não se celebra a Alegria como em Rubens, nem o Céu como em El Greco. Dá-se apenas conta da Terra. Aqui, é o virar as costas que se impõe, que manda. Pintura portuguesa, portanto? Não. De modo nenhum. Apenas e só pintura a mostrar o desencanto, o *Não* - afinal (apenas ?) uma ancestral forma de olhar o mundo que remonta já aos Upanishades e cuja presença na cultura europeia se escora na longínqua reflexão dos gregos antigos, com expressão acabada na arte trágica.

Este conjunto de telas fragmentadas, mas unidas pela decisão do artista, onde as tintas escorrem, por vezes, como uma cortina que vela-desvela os motivos (o velho, a criança, a jovem mulher desnuda), as posturas (figuras sentadas, deitadas, de costas), expressa obsessivamente esse *Não* radical, que constitui também uma dimensão ontológica da nossa cultura - não apenas portuguesa mas do continente a que pertencemos.

Estamos perante uma pintura que convida à reflexão e não apenas que "mostra". Faz-se nela, por meio da imagem, das linhas e da cor, um exercício de ontologia sensível, ao mesmo tempo que ancora o seu texto na vida, por intermédio daquilo que parece, no entanto - mas apenas parece! -, um *Não* à mesma e um convite repetido e obsessivo ao virar as costas, à imobilidade, ao sono, à inacção.

Nas pinturas apresentadas, o rigor da tradição, ligado à representação do real, de que dá conta o desenho, é simétrico de uma arte de pintura gestual que remete para a interioridade e para a abstracção, ao mesmo tempo que ensaia e encena, por vezes, um movimento de aproximação, apropriação e assimilação de outras modalidades expressivas, como evidencia o apelo nostálgico à fotografia.

Exercício de pintura (falsamente) "estática" por excelência, no seu conjunto encontra-se, no entanto, animada pela sua possibilidade de organização e reorganização, de composição e recomposição, a que "pode" convidar o observador, como consequência do seu carácter "também" fragmentário, já referido antes - os dípticos e os trípticos "poderiam" ser reorganizados pelo espectador a seu belo prazer, se assim quisesse, passando ele à situação de criador.

As telas presentes deveriam ser olhadas - ou melhor vistas - não como a expressão pessimista contida na concepção corrente do *Não*, mas como a manifestação da presença, da vitalidade e da positividade do negativo? Ao menos, é assim que as apreciamos.

Under the spell of *No*, this exhibition displays 10 canvases where drawings and acrylic paints unite in white, creating a dialectic balance which is a technically difficult task to perform, although it simultaneously achieves a complementary synthesis.

Saying "*No*" is not an easy thing. It's easier to say "*Yes*" or even "*Maybe*". Is it because the *Yes* makes you happy and the *No* makes you sad? Or because the former reaches out and the latter closes in? Or still because the *Yes* opens up a road while the *No* erects a wall?

There are at least two kinds of *No* – the one which just reacts, denies, opposes; and the one which affirms. One which merely rejects a situation, a fact or an idea; or the one which establishes a different type of life, through affirmation, through an impulse which comes from within, through an intrinsic force that generates autonomy and creativeness.

Vieira, with his undisputed eloquence, tells us about the horrific quality of the *Non*, that is the *No*; Manoel de Oliveira made it the key-word to illustrate on the screen some of the most important episodes of our history. Now Francisco Ferro, in this set of works out-marked by contrast: old-new, woman-man, child-adult, line-colour, white-dark, reveals to us – or seems to reveal – this same "disenchantment", so Portuguese, which the present still withholds.

The art of painting, as every other art, is a child of its time. Here, there is no celebration of Joy, as in Rubens, there is no Heaven, as in El Greco. There is only the Earth. Here, what compels one is the command to turn one's back. So, is this Portuguese painting? No. Not at all. It is only the means to show the disenchantment, the *No* – after all (or merely?), an ancestral form of looking at the world which retraces its steps to the Upanishads and whose presence in European culture is rooted in the remote minds of the ancient Greeks, giving its ultimate expression in tragedy.

In this ensemble of canvases which are fragmented but also united by the will of the artist, in which the paint at times drips like a curtain that hides and reveals the subjects (the old man, the child, the naked young woman), the attitudes (figures are sitting, lying, turning their backs), there is an obsessive, radical expression of this *No* which gives us an ontological dimension of our culture – not only Portuguese, but from the continent to which we belong.

These paintings, rather than simply "displaying", invite us to reflection. An exercise of sensitive ontology is performed by us through image, lines and colour, although simultaneously their text is anchored in life through the expression of what appears to be – it only appears! –, a *No* to life and a repeated obsessive invitation to turning one's back, to immobility, to sleep and to inaction.

The rigour of tradition, which in the present show is linked to the representation of reality displayed in the drawings, runs parallel with a gesture art which takes you inwards and towards abstraction, while simultaneously, at times, it tries and it stages a motion of approach to adopt and assimilate other forms of expression, as is evident in its nostalgic appeal to photography.

This painting exercise which may be (wrongly) labelled as "static" becomes nevertheless alive in its totality through its capacity of assembling and reassembling itself, of arranging and rearranging itself, and it 'may' well invite the viewer to join in as a consequence of its fragmentary condition, as referred above – the diptychs and the triptychs might be assembled and reassembled by the viewer at will, if it pleased him, thus becoming the creator himself.

These canvases should be looked at – or better, seen - without the pessimistic expression which is contained in the usual concept of *No*, but rather with the present, positive vitality which the negative notion expresses. Or at least, this is how we see them.